

Entre o banho quente e o ChatGPT: a escolha civilizatória

(publicado na lista email da SBC em 23/abr/26)

Confesso: estou assustado!

Vivemos uma das maiores inflexões tecnológicas da história, talvez a mais profunda dos últimos séculos e o Brasil segue como espectador diante da Inteligência Artificial (IA)

A IA Generativa, tecnologia por trás de sistemas como ChatGPT, Gemini e seus “comparsas” (sim, rsrs), ainda escapa à compreensão de gestores, lideranças e, mais grave, do próprio sistema educacional. Não se trata de um “hype estragado”: é a infraestrutura cognitiva do século XXI.

Como discutir emprego, formação de jovens e o escambau tecnológico sem entender o motor que reorganiza tudo isso? Como avaliar ameaças e oportunidades na instalação de datacenters de IA sem compreender seu contexto?

O debate, no limite, não é ideológico. É físico, quer ver? O planeta, finito, não sustenta a demanda exponencial de energia dos datacenters de IA. Eles operam sobre processamento massivo do conhecimento humano vetorizado (uma ruma de números), consumindo mais energia “que espinhaço de jumento na carroça”.

Nos EUA, cidades que recebem esses datacenters já sentem a “lasca”: energia mais cara e pressão ambiental. Imagine, em breve, dilemas energéticos como:

- Mãe, posso tomar banho quente?
- Pode, filho, mas esqueça o ChatGPT mais tarde!

Lideranças como o Senador Bernie Sanders já propõem uma moratória: pausar a expansão dos datacenters nos EUA até que regras mínimas de governança sejam definidas.

E nós aqui, hein ...?

Com matriz energética limpa e abundante, o Brasil tornou-se destino dos datacenters de IA. Mas atrair não basta. É preciso negociar bem nossa energia e território.

Não podemos repetir a lógica colonial: “vende energia barata para o lucro das big techs”. Precisamos gerar contrapartidas reais: sociais, econômicas, tecnológicas. Isso exige Governança. Transparência. Métricas. Monitoramento.

Iniciativas como a proposta “Datacenters de IA no Ceará”, entregue pelo IRACEMA Digital ao Governo do Ceará, e a Caravana LF de Soberania Digital, ideia “made in Ceará” que mobiliza pesquisadores nas universidades brasileiras (25 já visitadas), apontam um caminho: transformar este debate em política pública.

A pergunta é simples e desconcertante ... e inadiável:

Vamos ter coragem de disputar essa “Jules Rimet do século XXI” ... ou aceitar, mais uma vez, o destino de colônia digital?

Porque, no fim, não é sobre tecnologia.

É sobre quem decide e quem obedece.

É sobre Soberania.

Uma escolha civilizatória!

Mauro Oliveira

Phd em informática (Sorbonne University)

Foi Secretario de Telecomunicações do ministério das Comunicações